

Ferro Sorocabana; e finalmente, Embú-Mirim, localidade situada nas proximidades de Santo Amaro, nas imediações da Reprêsa de Guapiranga”.

MARIA REGINA DA CUNHA RODRIGUES

* * *

MACHADO (Lourival Gomes) e **AYROSA** (Eduardo). — **Reconquista de Congonhas**. Instituto Nacional do Livro. Rio de Janeiro, 1960, 108 págs.

Há um toque de lenda nas origens do santuário do Senhor Bom Jesus de Matozinhos, em Congonhas do Campo. O analfabeto Feliciano Mendes, estabelecendo-se como eremita na colina situada ao sul do vilarejo, recolhendo as esmolas destinadas à edificação da igreja; seus êmulos, a começar por Custório de Vasconcelos, guardando fidelidade ao sonho de Feliciano e levando a termo a construção do monumento — tudo isto não nos lembra uma atmosfera de Idade Média, perdida no interior de Minas Gerais, em pleno século XVIII? Não se acentua ainda esta impressão, quando as esculturas que lá se encontram parecem ter sido feitas, menos por mãos humanas, do que por anjos em peregrinação pela terra?

Bem sabemos serem outras plagas ricas em testemunhos capazes de despertar idéias deste tipo. Mas não é este o nosso caso, e isto atribui um especial significado aos trabalhos de restauração da igreja de Congonhas, decididos pela Diretoria do SPHAN, em princípios de 1957. O mesmo Serviço do Patrimônio Artístico, por intermédio de Rodrigo M. F. de Andrade e Sílvio de Vasconcelos, proporcionou a Lourival Gomes Machado e a Eduardo Ayrosa tôdas as facilidades, a fim de poderem acompanhar de perto o desempenho da missão programada. E os leitores do **Suplemento Literário** do jornal “O Estado de São Paulo” lembram-se da série de artigos daí resultante, bem como das admiráveis fotografias que os acompanhavam. Tais artigos foram reunidos em volume, publicado agora pelo Ministério da Educação, com textos em português, inglês e francês.

Da **Introdução**, destacamos as palavras finais: “...em verdade cronista e fotógrafo desejam deixar bem claro que, se jamais tiveram algum valor seu relato e as suas gravuras, primeiro destinados à fugaz mas sempre estimulante divulgação jornalística, e agora preservados em livro, devem-no todo ao fato que inicialmente atraiu sua atenção e despertou sua curiosidade: a autêntica e admirável reconquista de Congonhas”. Ninguém poderá negar terem os autores respeitado escrupulosamente o propósito de tornar público o trabalho em que se empenharam os encarregados da restauração. E' com carinho que se faz a descrição da delicada e exigente faina, diante do material corrompido pelo tempo, pelo cupim e pelo fungo, deformado, ainda, pelas “acrescentações desfiguradoras”, pois “o século XIX obstinou-se em repintar periódicamente o interior das igrejas, cobrindo com pigmentos e óleo a talha dos altares, as obras construtivas de madeira, e muitas vêzes atingindo até elementos de pedra”.

Assim procedendo, certamente contribuíram os autores para divulgar um melhor conhecimento não só da capacidade de trabalho do

SPHAN, como também da própria obra de Antônio Francisco Lisboa e dos melhores representantes do grupo artístico mineiro da segunda metade do século XVIII. Digno de nota, porém, é o número de problemas sugeridos pelo volume, embora não pareçam êles situar-se na esfera imediata do interesse dos autores. Na realidade, é praticamente impossível lermos o texto de Lourival Gomes Machado sem pensarmos em termos de história. Sabemos, aliás, de seu interesse pelo entrosamento da arte no panorama histórico; conhecemos seu excelente estudo acerca do barroco e o absolutismo; e o parágrafo final de seu capítulo **Arquitetura e Artes Plásticas** (na **História Geral da Civilização Brasileira**, sob a direção de Sérgio Buarque de Holanda), é bem explícito, a tal respeito: o desenvolvimento das artes plásticas em Minas Gerais, para êle, prende-se a um movimento espiritual de mais ampla órbita, devendo ser encarado paralelamente à criação musical e à própria Escola Mineira de poesia, o que permitirá “expressir-se a convicção (...) de que em Minas, no século XVIII, manifestou-se artisticamente, pela primeira vez, uma autêntica cultura brasileira”. Ou seja: a obra de arte — os tesouros artísticos de Jesus de Matosinhos, no nosso caso particular — está condicionada pelo tempo, servindo, portanto, de testemunho para a história. Mais ainda: é ela passível de paralelos e comparações com outras criações culturais do mesmo período, levando à conclusão de que, num momento dado, perpassa um mesmo sôpro pelas obras de diferentes setores de criação artística.

Ora, a “reconquista de Congonhas” foi uma luta contra o tempo. Houve um esforço de reconstituição integral, inclusive no concernente à reposição das estátuas nos lugares que antes ocupavam. E a pergunta que nos fazemos, diante disto, é a seguinte: em que medida se recuperou, com a restauração, algo de inerente, de próprio, de indissolúvelmente ligado ao século XVIII? Porque a grande peculiaridade — somos quase tentados a dizer: o mistério — da obra de arte, reside em pertencer ela, concomitantemente, ao tempo histórico e a um tempo não-histórico, em cujo âmbito lhe é dado permanecer num perene presente. Assim sendo, como interpretar as imagens restauradas, com vistas a um resultado que contribua para a reconstituição histórica da “primeira autêntica cultura brasileira”? — Enfim: será fácil distinguir o que depende do tempo histórico e o que a êle escapa?

As fotografias, de seu lado, sugerem-nos novas dificuldades: se o escultor era um artista, artista é também o fotógrafo, e através de seus olhos é que vemos as esculturas barrocas. Ora, ve-la-iam assim os nossos olhos? De qualquer maneira, não deixemos dúvidas sobre um ponto: tal como se apresentam, as imagens reproduzidas lembram as palavras de Henry Adams, diante da catedral de Chartres: tudo está nelas contido, exceto a miséria. E fazemos votos para que outros monumentos brasileiros mereçam uma divulgação em nível semelhante ao do volume que acabamos de apresentar.

PEDRO MOACYR CAMPOS.